

FALE COM A GENTE!

Editores Bruno Rios, Marcelo Luís,
Rafael Motta e Ronaldo Abreu Vaio
E-mail cidades@atribuna.com.br
Telefone 2102-7157

DESTAQUE DO DIA

CIDADES

Discurso metropolitano empaca

Problemas como o da Ponte dos Barreiros, em São Vicente, mostram que ainda há muita dificuldade para se buscar soluções conjuntas

RAFAEL MOTTA

DA REDAÇÃO

As idas e vindas até o Governo Federal confirmar o custo da reforma da Ponte dos Barreiros, em São Vicente, puseram à prova o chamado discurso metropolitano na Baixada Santista: aquele segundo o qual um problema de uma cidade tem — ou pode ter — impacto em municípios vizinhos e requer saídas conjuntas.

O resultado prático da questão da ponte desmentiu a teoria. Ganhou destaque a ideia do prefeito de Praia Grande, Alberto Mourão (PSDB), de que os municípios abdicassem de sua parte no Fundo de Desenvolvimento Metropolitano, um banco para projetos regionais. Exceto pela Administração vicentina, nenhuma aceitou ou prometeu abrir mão de sua cota.

Agora que está chegando mais um ano eleitoral, prefeitos que não poderão tentar outro mandato afirmam que os futuros candidatos deverão considerar a metropolização uma realidade e, se eleitos, pensar de forma coletiva. O problema, como parte deles próprios admite, é que esse pensamento ainda não ecoa nem dá votos: o cidadão quer saber de seu quintal.

Mourão mesmo, que caminha para o fim de seu quinto mandato não consecutivo, considera que a “falta de conhecimento da coisa pública pela sociedade” explica essa postura popular mais bairrista. “Fica difícil fazer só esse discurso (regionalizado), mas acho que, mostrando exemplos de ações necessárias de fazer em conjunto na região, ela vai entender”, pensa.

PROBLEMAS COMUNS

“No mundo ideal, seria isso mesmo. Até porque os problemas da região, cada vez mais, têm sido metropolizados. A população mais po-



ALEXSANDER FERRAZ - 24/12/19

Há duas semanas, prefeito de Praia Grande, Alberto Mourão, sugeriu que cidades abdicassem de verbas para resolver imbróglcio da Ponte dos Barreiros, em SV; ideia não avançou

UNIÃO?

Faz 60 anos que se começou a falar na metropolização da Baixada Santista. A ideia partiu de Sílvio Fernandes Lopes, então prefeito de Santos. Era outra realidade: as cidades de Mongaguá e Peruíbe, antes pertencentes a Itanhaém, haviam se emancipado naquele ano. Praia Grande se desmembraria de São Vicente em 1967 e Bertioga deixaria de fazer parte de Santos em 1991. Mas já se considerava a integração necessária. O assunto seria retomado nas décadas seguintes,

sem consenso. Apenas em 1996 o Governo Estadual criaria, oficialmente, a Região Metropolitana da Baixada Santista, cujas discussões ocorreriam no Condesb. O Estado sempre prevaleceu no órgão, pois tem direito a 50% do poder de decisão. A outra metade cabe às nove cidades, historicamente alinhadas, mas não de forma unânime, ao Palácio dos Bandeirantes. Em 2018, na reprodução do embate que ocorreria entre o então governador Márcio

França (PSB) e o pré-candidato do PSDB ao cargo, João Dória, elegeu-se o prefeito vicentino, Pedro Gouvêa (MDB, cunhado do governador), à presidência do Condesb. Dória, porém, ganhou o pleito, e o atual presidente, Luiz Maurício (PSDB, prefeito de Peruíbe), está à frente do órgão. Na última reunião de 2019 no Condesb, no dia 19, Maurício e Alberto Mourão — de Praia Grande, que no ano anterior coordenou a campanha de Dória na região — eram os únicos prefeitos presentes.

deveriam ser avaliados. O discurso metropolitano é “sempre uma ideia sim-pática, mas, do ponto de

vista do eleitorado, talvez não haja muita preocupação com isso. Com crise econômica, desemprego, baixa qualidade de serviços em algumas cidades, acho que os prefeitos e candidatos, muito provavelmente, estarão mais focados nessas questões”, observa a cientista política Clara Versiani.

VOTANDO EM SI

Também cientista político, Marcelo Di Giuseppe é direto: “O eleitor vota nele: em quem vai resolver o problema dele, da rua dele, da escola do filho dele, da saúde dele. Como o eleitor é egoísta, isso reflete na campanha política. Fazer campanha falando em metropolização pode,

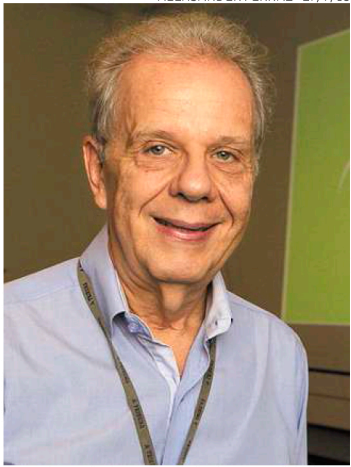
até, ser contra ele. (O aspecto regional) Não fica em segundo plano, mas em último. (O candidato) Vai se preocupar com o quintal dele”.

“Nós temos que ser realistas”, analisa o cientista político Alcindo Gonçalves, coordenador do Instituto de Pesquisas A Tribuna (IPAT).

“Embora eu considere que é importante os candidatos todos assumirem esse compromisso, não me parece que o discurso metropolitano vá causar algum diferencial significativo no eleitorado. Mesmo assim, acho que a questão metropolitana é importante e deve ser tratada por todos”, complementa.

MENOR ESCALA

O acirramento dos ânimos que marcou as campanhas eleitorais de 2018 contaminará as disputas municipais em 2020? Candidatos que reproduzirem esse clima nas cidades terão sucesso? Veja um resumo do que pensam os cientistas políticos ouvidos pela Reportagem



ALEXSANDER FERRAZ - 27/7/18

Alcindo Gonçalves

Nas cidades maiores, o debate político se amplia por causa da complexidade social e se abre maior espaço para questões mais ideológicas e políticas. Nas cidades menores, é algo menos perceptível. O ideal seria os candidatos unirem propostas concretas de interesse local e um discurso afinado com uma visão mais global da sociedade.



LUIGI BONGIOVANNI - 30/3/17

Clara Versiani

Divisões sempre interferem, porque as eleições municipais reproduzem o quadro político geral. Há grandes partidos disputando eleições municipais, mas elas têm característica distinta e outras forças políticas em seu contexto. Também é preciso ver o uso de redes sociais, que pode fazer aumentarem o tom de ataques e a desinformação.



REPRODUÇÃO/YOUTUBE

Marcelo Di Giuseppe

Não se vê embate de esquerda e direita nas cidades. Nelas, os grupos ideológicos são pequenos. Prefeitos se preocupam com o orçamento para trabalhar. O eleitorado avalia os governos Estadual e Federal mais pela imagem que passam do que por resultados. Afinal, por vezes, pessoas atribuem ao prefeito a solução de problemas nacionais.



ALEXSANDER FERRAZ - 24/9/18

Rafael Moreira

Para ele, sempre há polarização política, e nem sempre ela é prejudicial, pois pode estimular o debate entre candidatos com pontos de vista diferentes. Para os concorrentes, será o caso de avaliar se, em termos eleitorais, terão ou não vantagem em destacar sua ligação com grupos ideológicos, tanto à esquerda quanto à direita.

Prefeitos afirmam que regionalização é fato

Os três prefeitos da região que estão completando seu segundo mandato já presidiram o Conselho de Desenvolvimento da Baixada Santista (Condesb). Paulo Alexandre Barbosa (PSDB) administra Santos, maior cidade local, e julga que “metropolização não é uma escolha, é uma realidade”. Sobre tudo, na Saúde.

Barbosa destaca o trabalho no Complexo Hospitalar dos Estivadores para dizer que, dos 6,6 mil partos realizados ali, metade foi de pacientes de fora da Cidade. “O mesmo acontece nas unidades de Pronto Atendimento, as UPAs”, e também há procura externa por Educação e Assistência Social, diz o tucano.

Marco Aurélio Gomes,

prefeito de Itanhaém e também do PSDB, lembra que outro assunto regional é o destino do lixo. Seis das nove cidades da região o depositam no Aterro Sanitário Sítio das Neves, na Área Continental santista. Os resíduos itanhaenses, porém, viajam mais de 100 quilômetros, até Mauá (SP).

“Entre coleta, transporte, transbordo e destinação final, quase 40% do que tenho de despesa é para levar (lixo) para fora”, calcula. “Hoje, todo mundo (na região) paga uma fortuna e não temos uma solução adequada. A gente, talvez por questões políticas, teve um pouquinho de problema, mas é o caminho.”